

Ateliê Projeto 7: Cidade e Teoria | Mackenzie | Sétimo Semestre

Resumo

A experiência de curso aqui relatada – **Ateliê 7: Cidade e Teoria** - tem como questão central a condição urbana contemporânea. É esta condição que imprime à disciplina uma necessária aproximação teórica e cartográfica, analítica e crítica, a partir de áreas em transformação no âmbito da cidade de São Paulo.

Coloca-se como desafio desencadear hipóteses de projeto, na escala do desenho urbano, dos espaços e dos edifícios públicos, a serem informadas e constituídas pelos processos de realização e uso do espaço da cidade, sua apropriação, suas estruturas físicas e suas dinâmicas urbanas, identificadas a partir do recorte territorial proposto.

Os projetos a serem desenvolvidos serão motivados pelos agentes sociais que atuam na disputa pelo território, pautados por um referencial teórico, informados pela condição da cidade real, com vistas à cidade desejada, tendo como tema central a vida pública, as características do lugar, as microdinâmicas e as estruturas físicas urbanas (quadras, ruas, barreiras, tipologias etc.), de maneira a motivar ações na cidade que sejam possibilidades outras, para além da legislação urbanística, do marco regulatório e em oposição ao mundo urbano desigual.

Os alunos serão estimulados a trabalhar conceitualmente, extraindo sua motivação da complexidade da cidade, de suas estruturas sociais, físicas e vivências, para propor novas ambiências e a qualificação das estruturas existentes, reconhecendo, inclusive, as de infraestrutura urbana capazes de construir lugares para além da eficiência.

Palavras-chave

condição urbana contemporânea; disputa pela cidade; agentes de resistência

Professores e monitores que compõem o Ateliê 7

Afonso Castro, doutorando, FAUMACKENZIE, afonso.celso.castro@gmail.com

Antonio Eduardo Giansante, doutor, antonioeduardo.giansante@mackenzie.br

Antonio A. Fabiano Junior, mestre, FAUMACKENZIE, antoniofabianojr@gmail.com

Cesar Shundi Iwamizu, doutor, FAUMACKENZIE, shundi@siaa.arq.br

Dante Pauli, mestre, drpauli@sabesp.com.br

Fernando de Mello Franco, doutor, FAUMACKENZIE, fernandomellofranco@gmail.com

Igor Guatelli, pós-doc, FAUMACKENZIE, igorquat@uol.com.br

José Lavrador Filho, mestre, jose.lavrador@yahoo.com.br

Lizete Maria Rubano (coordenação), doutora, FAUMACKENZIE, lmrubano@gmail.com

Luciana Brasil, doutora, FAUMACKENZIE, lubrasil@uol.com.br

Maria Isabel Villac, doutora, FAUMACKENZIE, belvillac@gmail.com

Olair De Camillo, mestre, FAUMACKENZIE, decamillo@globo.com

Paulo Olivato, doutorando, FAUMACKENZIE, polivato@yahoo.com

Ruth Verde Zein, pós-doc, FAUMACKENZIE, rvzein@gmail.com

Tereza Beatriz Ribeiro Herling, doutora, FAUMACKENZIE, terezaherling@gmail.com

estágio docente: Tais Ossani e monitoria: Bárbara Frutuoso e Hugo Rossini

Ementa

Reflexão crítica e propositiva pelo projeto - projeto de desenho urbano e de arquitetura pública - sobre a complexidade do(s) território(s) da cidade (maneira de uso, experiência, apropriação e forma urbana) por meio de fundamentação de questões percebidas empírica e amparadas teoricamente, a partir da identificação de temáticas provenientes da área de estudo e experimentação projetual que representam alguns dos desafios sociais e territoriais contemporâneos da metrópole. Necessidade da formulação de práticas políticas-projetuais conformando redes de projetos de abrangência pública, numa criação de ode ao pensamento que dialogue com a ação efetiva. Essas práticas propostas partem da proposição de instrumentos concretos para discutir o direito ao espaço habitado, capaz de transformar a cidade em espaço de experiência política, valorando a produção de conhecimento para a sociedade, por meio do balizamento do debate social como ferramenta de discussão, produção e atuação do cidadão na busca pela cidadania de todos.

A construção de hipóteses projetuais é acompanhada de aporte teórico e análise crítica, tendo como referência questões, textos e autores contemporâneos, na compreensão do funcionamento infraestrutural da cidade - redes de abastecimento, drenagem, mobilidade entre outros -, com perspectiva de implemento da qualidade urbana a partir de aulas técnicas, tendo como perspectiva o entendimento desse campo do conhecimento como instrumentos de formulação de uma nova ideia de paisagem para a vida.

Objeto

O **Ateliê Projeto 7: Cidade e Teoria** tem como perspectiva o enfrentamento teórico e projetual de áreas na cidade de São Paulo que colocam, possibilitam e estimulam investigação especulativa acerca do espaço público, na escala do desenho urbano e das arquiteturas públicas, que buscam motivação e circunstâncias de um movimento de mudança, de forma experimental, a partir de práticas e experiências em ato, na constituição da possibilidade de vida comum.

O exercício propõe a aproximação à(s) área(s) urbana(s) de estudo visando uma ação projetual geradora de dinâmicas, destacando não somente o aspecto crítico e propositivo, mas o papel emancipatório que o projeto pode ter.

As áreas de trabalho selecionadas para o atual semestre (segundo de 2019) - Brás e Belém em São Paulo – apresentam, mesmo contíguas, diferentes características de processo

formativo e estruturas morfológicas, formais, de uso e apropriação, e devem ser analisadas e interpretadas pelos alunos levando em consideração os processos urbanos sob os quais estão submetidas (de transformação, de disputa, de exceção em relação aos marcos regulatórios, de densidade histórica consolidada etc).

Questões contemporâneas da Teoria da Arquitetura, enquanto reflexão sobre a prática projetual, são motivadoras de uma análise crítica dos projetos de desenho urbano propostos e/ou construídos. São, também, suporte às **proposições projetuais arquitetônicas especulativas**, tema central do Ateliê. A aproximação às áreas - e às temáticas a serem desenvolvidas pelo projeto - vem acompanhada por textos e discussões teóricas que contribuem à conformação de questões que mobilizam uma ação projetual. Dessa maneira, são trabalhos de referência textos de Rodrigo Lefèvre (*in* Koury, Ana Paula. *Arquitetura Moderna Brasileira: Uma Crise em Desenvolvimento: Textos de Rodrigo Lefèvre*), de Milton Santos (*O Retorno do Território, O lugar e o Cotidiano e Rugosidades do Espaço e Divisão Social do Trabalho*), de Bernard Tschumi (*Concepto, Contexto, Contenido*), de Igor Guatelli (*De Agenciamentos Outros na Metrópole*) e de Pepe Mujica (Filme: “Uma Noite de 12 anos” e discurso de Pepe na Assembleia Geral da ONU, 2017).

A visão sistêmica das redes, que estruturam o funcionamento da cidade do ponto de vista infraestrutural, compõe a perspectiva de uma associação entre eficiência e qualidade urbana.

Objetivos

O tema da condição urbana contemporânea imprime ao Ateliê uma necessária aproximação teórica e cartográfica, analítica e crítica, com estudo empírico, de referência à investigação, onde o exercício se apoia no debate crítico sobre as condições das intervenções urbanas nas últimas décadas na cidade de São Paulo e nas condicionantes necessárias à sua urbanidade (com aporte teórico e técnico).

O Ateliê visa o incentivo ao debate e ao trabalho coletivo, tendo como base o compromisso com agentes do território (o exercício este ano promoveu em sua primeira semana encontro com Evaniza Rodrigues e Sidnei Pita, lideranças da UMM – União dos Movimentos de Moradia – e da ULCM- União da Lutas de Cortiço e Moradia e, ao longo do semestre, ilumina outros possíveis agentes de resistência que atuam na área como o grupo de teatro

Sobrevento (dos atores Sandra Vargas e Luiz André Cherubini), que visitamos na terceira semana do curso, além da valorização das referências conceituais no processo do projetar.

Os estímulos advindos das diferentes realidades urbanas, o conhecimento técnico e a capacidade propositiva de cunho especulativo e investigativo têm como referência a articulação de parceria academia-comunidade, como espaço de pensamento e suporte ao desenvolvimento do projeto atrelado à ideia de realidade concreta e noção de pertencimento de mundo. Tal possibilidade vai ao encontro da construção de uma contra-forma que dialogue com a ação efetiva, através da criação de instrumentos concretos para discutir o direito ao espaço habitado, capaz de transformar a cidade em espaço de experiência política.

O exercício propõe o desencadeamento de hipóteses de projeto, na escala do desenho urbano e dos espaços e edifícios públicos, desenvolvidos em grupo e individualmente, a serem informadas e constituídas pelos processos de realização e uso do espaço da cidade, sua apropriação, suas estruturas físicas e suas dinâmicas urbanas, a serem identificadas a partir do recorte territorial proposto por cada grupo de alunos. Os projetos a serem desenvolvidos serão motivados pelos agentes sociais que atuam na disputa pelo território e devem estar pautados por um referencial teórico, informados pela condição da cidade real, com vistas à cidade desejada, tendo como tema central a vida pública, as características do lugar, as microdinâmicas e as estruturas físicas urbanas (quadras, ruas, barreiras, tipologias etc.), de maneira a motivar ações na cidade que sejam possibilidades outras, para além da legislação urbanística. Os/as alunos/as devem trabalhar conceitualmente, extraindo sua motivação da complexidade da cidade, de suas estruturas sociais, físicas e vivências, para propor novas ambiências na busca pela qualificação das estruturas existentes reconhecendo, inclusive, as de infraestrutura urbana.

O pensar arquitetônico e seu fazer projetual são entendidos, por meio técnico do seu campo de conhecimento, como três hipóteses na busca por uma reinvenção política do projeto, através de práticas e experiências aplicadas no cotidiano do pensar e repensar espacial. A saber:

1. como possível ação de reparação que age como ponte de diálogo e prática social, para redefinir o que é cidade nas dimensões cultural, política e econômica – cultural, enquanto expressão coletiva; política, na busca pela possibilidade do encontro e da liberdade de (auto)regulação social; e econômica, como lugar da simultaneidade e do encontro;

2. como processos de pertencimento a partir da conscientização da população em relação aos seus direitos como cidadãos;

3. como instrumentos de resistência na hipótese da constituição de um movimento de mudança, de forma experimental, não somente como sujeitos, mas a partir de práticas e experiências em ato, na constituição da possibilidade de uma vida coletiva.

Para tanto, são estimulados (simultaneamente):

1. Referencial teórico na problematização do tema;

2. A conformação de um repertório de projeto, em especial do desenho urbano e projeto de arquitetura urbana;

3. A capacidade de compreender, analisar e propor as diferentes escalas (da arquitetura e da cidade);

4. A leitura crítica da(s) área(s);

5. A aproximação aos agentes que operam na área;

6. O rigor técnico dos enfrentamentos projetuais, considerando-se, inclusive, as condicionantes de infraestrutura urbana como mais uma referência à qualidade dos espaços públicos.

Metodologia

Fundamentos orientadores, como pressupostos da metodologia, são empregados:

1. A relação direta e articulação de parceria academia-comunidade via movimentos sociais (UMM – União do Movimento de Moradias e ULCM- União da Lutas de Cortiço e Moradia - como primeira entrada) atuantes na área que têm como premissa a procura da constituição de espacialidades à procura de um projeto de um outro futuro, justo, coletivo e público, cuja vontade vai em direção à essência do espaço para surgimento da vida como cotidiano do lugar. Com isso, abre-se a possibilidade de pensar a Universidade como polo produtor de conhecimento que se abre para novos saberes – populares e eruditos – participativos de outros agentes, no entendimento da não dicotomia entre *práxis* e teoria, em direção a relações de solidariedade, justiça social e compromisso cívico;

2. O entendimento de que a investigação, a partir do contato e construção direta com os sujeitos atuantes na área, faz parte da proposição prática de projeto, uma vez que eles levantam hipóteses de investigação e, portanto, atuação (ato-ação);

3. O compromisso de retorno efetivo à comunidade, a partir da construção da pergunta: o que os nossos campos de conhecimento, por meio do balizamento do debate social, do entendimento da Arquitetura e Urbanismo como ferramentas de discussão, produção e atuação dos cidadãos na busca pela cidadania de todos, traz de conhecimento para o outro?

O Ateliê é dado em dois dias (segundas e quartas) com 5 aulas cada dia, totalizando 10 aulas por semana. Às segundas feiras, temos uma aula de Infraestrutura Urbana, uma aula de Integração e três aulas de orientação do Projeto a ser proposto; às quartas feiras, temos uma aula de Teoria da Arquitetura, uma aula de Integração e novamente três de orientação do Projeto. Os professores que compõem o quadro do Ateliê, com coordenação da professora Lizete Maria Rubano são: infraestrutura – Afonso Castro, Antonio Eduardo Giansante, Dante Ragazzi Pauli, Fernando de Mello Franco e José Lavrador; teoria: Antonio Fabiano Junior, Fernando de Mello Franco, Igor Guatelli, Lizete Maria Rubano, Paulo Olivato e Ruth Verde Zein e de projeto: Afonso Castro, Antonio Fabiano Junior, Cesar Shundi Iwamizu, Fernando de Mello Franco, Igor Guatelli, Lizete Maria Rubano, Luciana Brasil, Maria Isabel Villac, Olair De Camillo, Paulo Olivato e Tereza Beatriz Ribeiro Herling.

As aulas de Infraestruturas são pautadas em conteúdos expositivos e discussão acerca dos sistemas urbanos (abastecimento de água, drenagem, esgotos sanitários, transporte público e mobilidade ativa, resíduos sólidos, redes de energia, rede de espaços públicos) como parte intrínseca do entendimento da desigualdade socioespacial e seu consequente desenho de paisagem que constituem as cidades brasileiras.

Os conteúdos de Teoria são dados em aulas pares (em semanas consecutivas) onde, na primeira semana se analisa projetos de arquitetura à luz dos conceitos dos textos correlatos e, na semana seguinte, é discutido o texto em questão. As duplas são: 1. experiência projetual do grupo Mundaréu da Luz (EMAU Mosaico) e Vazios de Água, projeto MMBB e conceitos de Milton Santos (O Retorno do Território, O lugar e o Cotidiano e Rugosidades do Espaço e Divisão Social do Trabalho); projetos de Bernard Tschumi e texto do arquiteto (Concepto, Contexto, Contenido); os projetos Academia Garrido (arq.Igor Guatelli) e Passarela Roterdã (ZUS) e pesquisa de Igor Guatelli (De Agenciamentos Outros na Metrópole) e apresentação de experiências em projetos de resistência dialogando com

Pepe Mujica (Filme: “Uma Noite de 12 anos” e discurso de Pepe na Assembleia Geral da ONU, 2017).

As aulas de Projeto promovem exposições e debates a partir dos temas ‘Cidade em Disputa’, ‘Agentes Resistentes da Cidade’, ‘Pensando sobre Partido’, ‘Referencia Conceitual, Partido e Diagramas’ e ‘Referencia Projetual, Programa e Espacialidade’ e orientações em grupos de 15 alunos para cada professor. Cada professor subdivide seus alunos em três grupos (com cinco alunos cada) para a produção de projetos de desenho urbano para, na sequência, os alunos desenvolverem individualmente projetos de arquitetura amparados pelas matrizes urbanas propostas por eles coletivamente.

As aulas chamadas *Integração* promovem debate dos conceitos discutidos em Infraestrutura e Teoria criando elos de ligação com os projetos propostos com todos os professores que compõem o Ateliê.

A metodologia de trabalho de orientação dos trabalhos se estrutura a partir de tais pontos:

1. Aproximação aos agentes que atuam na luta pelo direito à cidade;
2. Visitas às áreas de trabalho e montagem de cartografias analíticas (leituras e identificações acerca de um lugar e das formas de apropriação) e de desejos com raízes coletivas;
3. Construção de um aporte teórico que subsidie a elaboração de questões que sejam estimuladas pelo exercício projetual e vice-versa;
4. Leitura e proposição de ações inventivas no território urbano;
5. Estabelecimento de partido urbano e de possíveis arquiteturas que contribuam à estruturação de uma matriz pública de referência;
6. Elaboração de partido arquitetônico, definição programática e espacialidade(s) das arquiteturas propostas;
7. Desenvolvimento da linguagem (maneiras de se mostrar uma ideia na escala urbana e na do projeto de arquitetura) - utilização de diagramas, maquetes, modelos, esquemas;
8. Reflexões conceituais (que norteiem apresentação oral e texto escrito), a partir do referencial teórico construído e estimulado nas aulas de Teoria da Arquitetura;
9. Elaboração do projeto nas escalas: a. desenho urbano; b. edifício(s)/espaço(s) públicos, considerando-se a qualidade da cidade e da arquitetura urbana proposta;

10. Elaboração de alternativas (em diferentes escalas: da rede às questões pontuais) ligadas à infraestrutura urbana;

11. Estabelecimento de relações entre a funcionalidade da infraestrutura urbana e a urbanidade do lugar. Condicionantes e perspectivas para a plena oferta de infraestrutura sustentável;

12. As escalas de apresentação dos projetos são variáveis e dependentes dos temas escolhidos. Na média vão da 1:2000 a 1:500 + modelos + textos

13. Além dos projetos (desenho urbano e arquitetura) o ateliê terá como produto, também, um ensaio crítico acerca da interface entre teoria, cidade e arquitetura, tendo o(s) projeto(s) elaborado(s) como referência.

São propostas duas entregas intermediárias e uma final para apresentações e discussões coletivas além da promoção do que foi intitulado pelo Ateliê de 'Paragens' (dois momentos de revezamento dos professores orientadores em cada grupo de trabalho).

As avaliações consideram:

a. a clareza e pertinência na interpretação dos conceitos sugeridos pelo Ateliê somados aos conceitos e critérios adotados pela equipe em sua intervenção projetual/propositiva para a relação área-temática;

b. a capacidade de confronto investigativo das situações reais x desejadas na escala da cidade, do desenho urbano e da arquitetura urbana;

c. a capacidade de leituras analíticas e cartográficas que considerem agentes sociais e diversos aspectos de uso e apropriação na área de estudo;

d. a definição de questões/temáticas mobilizadoras do fazer teórico e projetual;

e. a capacidade de revisão crítica, aprofundamento e compreensão das diversas escalas, considerando as questões propostas pela disciplina e aquelas que o grupo/aluno escolheu trabalhar;

f. a precisão, a qualidade de definição espacial, volumétrica e material do projeto na escala urbana (espaços construídos e livres, adequação programa e projeto, soluções para conexões e dimensionamentos etc.) e na escala do edifício;

g. a compreensão e definição adequada das espacialidades propostas (livres ou áreas construídas)

- h. a capacidade de revisão crítica e criativa de cada uma das etapas propositivas do projeto, considerando adequadamente as considerações críticas realizadas em cada uma das apresentações e avaliações.
- i. a capacidade de construir discursos e textos com aportes conceituais que relacionem as questões motivadoras à experimentação projetual;
- j. a capacidade técnica para desenvolver o projeto e apresentar todas as peças gráficas nas escalas devidas
- k. a capacidade de construir um ensaio crítico, a partir dos textos que nortearam as exposições e debates ao longo do semestre, relacionando-o à investigação projetual feita pelo aluno
- l. a relação entre as temáticas de infraestrutura urbana e a qualidade do espaço público, proposto ou reestruturado, tendo em vista as atuais perspectivas de infraestrutura como o manejo sustentável da água no ambiente urbano, o amortecimento dos efeitos de aquecimento das cidades, entre outros aspectos.

Resultados

Neste semestre (segundo semestre de 2019), foi eleita aproximação às áreas por agentes que estão presentes na construção de experiências públicas e democráticas no território, com atuação específica no recorte definido para o exercício (Brás e Belém), como instrumento primeiro e norteador da metodologia de pensar e repensar a ideia de projeto e sua construção de conhecimento.

A maneira como têm sido feitas as aproximações aos territórios urbanos e às possíveis questões a serem enfrentadas pelos grupos de trabalho dos estudantes, é construída estimulando-os a perceber, destacar e refletir acerca de aspectos desses territórios que não estão necessariamente processados e devidamente mapeados. Nesse sentido, foram criadas aproximações *a priori* a partir do **Movimento da Leste 1**¹, filiado à **União dos**

¹ “O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra Leste 1 é um movimento criado em 1987 com o objetivo de garantir o direito a terra e moradia às famílias de baixa renda de parte da Zona Leste de São Paulo e municípios da Zona Leste Metropolitana a partir das lutas intensas na década de 80 nessa região.

Atualmente participam da entidade cerca de 3 mil famílias nos grupos de origem. Formam também a entidade, os diversos mutirões e conjuntos já conquistados nesses 25 anos (ver quadro 1), com 4343 famílias. O movimento é apoiado por entidades populares da região e pelas comunidades da igreja católica da Região Episcopal Belém e tem relação com diversas assessorias na área urbana (Grão, Integra, Usina, Ambiente) com parceria com a ONG Habitat para a Humanidade. É filiada à União dos Movimentos de Moradia e à

Movimentos de Moradia que luta, por 30 anos, por área junto à estação de metrô Belém para construção de um edifício habitacional (entendido em seu sentido amplo, com creche, padaria comunitária e espaço para as reuniões e festas comunitárias). A apresentação, pelas lideranças, do Movimento Leste 1 aos estudantes foi realizada em 10 de agosto de 2019, na Pastoral do Belém, espaço de importância histórica para os movimentos sociais.



Apresentação, pelas lideranças, do Movimento Leste 1 aos estudantes em 10 de agosto de 2019 na Pastoral do Belém.

Foto: Evaniza Rodrigues.

Para além dos movimentos de moradia (também estão presentes na área, a ULCM - União das Lutas de Cortiço e Moradia e a FLM – Frente de Luta por moradia, pelo direito à habitação em área central), foram identificados outros agentes que, ligados à produção cultural, reconhecem e interagem com a dimensão social e material dos bairros em que instalam suas sedes de maneira intensa e potente, como os grupos **Sobrevento e XIX**, instalados em antigas edificações que demarcam a densidade histórica do Brás/Belém (galpão industrial e vila operária, respectivamente), atuando nas sedes e expandindo pesquisas e temas da dramaturgia pelas ruas e praças dos bairros, em atuação conjunta e coletiva com moradores e visitantes.

Central dos Movimentos Populares, no Estado de São Paulo. Em nível nacional, participa da União Nacional por Moradia Popular, da CMP e do Fórum Nacional de Reforma Urbana”.

fonte: <http://www.mstleste1.org.br>



Apresentação da área e do projeto, pelas lideranças, do Movimento Leste 1 aos estudantes em 10 de agosto de 2019 na Pastoral do Belém. Visita à área do projeto de moradia.

Fotos: grupo de professores do ateliê 7 faumackenzie.

As práticas de interface desses coletivos culturais com os bairros são feitas de maneira a reconhecer a realidade urbana vivida, onde os sujeitos se apresentam como “narradores de si mesmos”, tendo o território como referência simbólica e a matriz do evento cultural como instrumento de vínculo com o lugar.

Aqui, a existência desses agentes – e de suas atuações - coloca a cultura como possível ferramenta de reversão de desigualdades historicamente constituídas na busca por garantia de direitos, como acesso, possibilidade de reflexão e pensamento crítico a partir da conscientização coletiva e como ampliação das possibilidades de pensar e construir elementos comuns de cidade, sociedade e vida coletiva, através da valorização de minorias de direito e de reconhecimento daqueles que chegam, sem vínculos (há registros e relatos recorrentes dos bairros em questão como *locus* de chegada de imigrantes: dos europeus do início do século, passando pelos que vêm do Nordeste e, agora, da Bolívia e de Angola). Reconhecer esses coletivos, significa incorporar as experiências reais do território, com sua potência e força (os projetos de moradia, as ocupações, a luta pela melhoria dos cortiços, os teatros e a dramaturgia que reconhece e valoriza o tempo histórico, as especificidades, os objetos que retratam as histórias pessoais que se encontram com as histórias sociais).

A partir desses agentes, algumas questões podem ser levantadas como estruturadoras de uma hipótese (ou de hipóteses) ao projeto urbano e de arquitetura pública. Por aqui caminhamos na tentativa de construir outros debates que coloquem em pauta o projeto

necessário, pela potência e clara intencionalidade de ação emancipatória que ele pode e deve ter.

Experiências Anteriores | Brás, Tatuapé e Arthur Alvim

As três áreas trabalhadas no 1º semestre de 2019 – Brás, Tatuapé e Artur Alvim – todas junto à linha vermelha, leste-oeste do metrô, na cidade de São Paulo, desencadearam questões gerais e específicas a serem enfrentadas pelo projeto que passaram da desigual disputa pelas benesses urbanas (que deveriam ter a universalização do acesso garantida) às maneiras e formas como as pessoas, os coletivos, as agremiações inventam possibilidades outras à vida vivida junto, à dimensão do comum e do público na cidade.

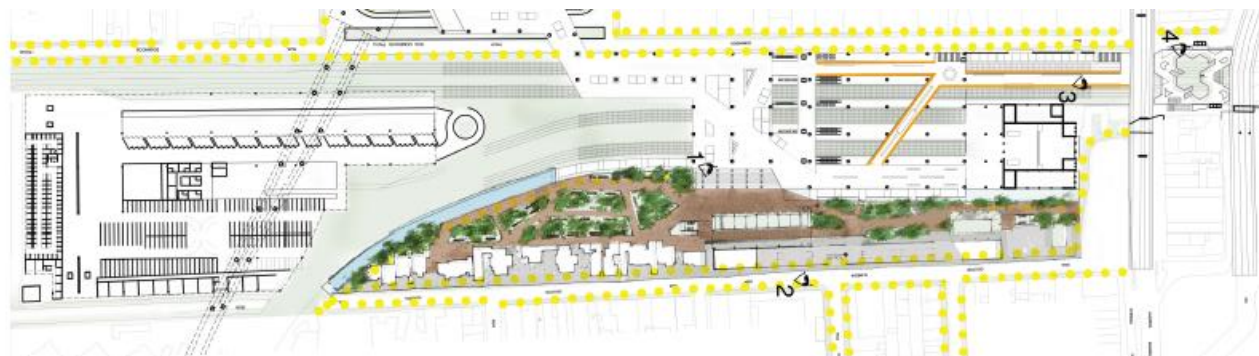
Encontrar o lugar do projeto (lembrando LOOTSMA: 2003) parece ser muito mais que eleger uma parcela de terreno, as leis de uso e ocupação e acrescentar o programa de necessidades como lista a ser criteriosamente agenciada pelo espaço, mas, parece-nos, passa por construir uma estratégica de ação no ambiente construído que tangencie sua complexidade e, essencialmente, seus agentes de resistência, sejam eles organizados em movimentos sociais, coletivos, ONGs etc. ou sejam eles os que buscam, na experiência urbana, uma condição de acesso ao direito e à festa como direito democrático de existir na cidade. Com essa perspectiva podemos avançar no sentido da experiência da vida pública e da vida urbana como uma possibilidade, para além-mundo do trabalho e da produção da vida material para o consumo.

Aproximando-se das três áreas contíguas estudadas, os estudantes construíram hipóteses de projeto que passaram pelo enfrentamento do enfraquecimento (ou dissolução) da dimensão pública da vida urbana. Seguem três experiências alcançadas:

A experiência no Brás | alunas: Gabriela Avolio, Isabela Ribeiro, Luiza Parrera, Maria Fernanda Fonseca, Nicole Reginato, Stephany Altruda | professor orientador: Shundi Iwamizu.

A transposição em massa (trem e metrô) e a logística da estocagem de produtos são evidenciadas pelo grupo. Na escala menor, a caminhabilidade, a abertura de córregos e a infraestrutura para habitações de novo tipo são os temas de discussão teórica e projetual.

“Estimula-se sistemas de contiguidades e solidariedades, cujo princípio seja o de criação de uma memória coletiva.” (texto do grupo de alunas).

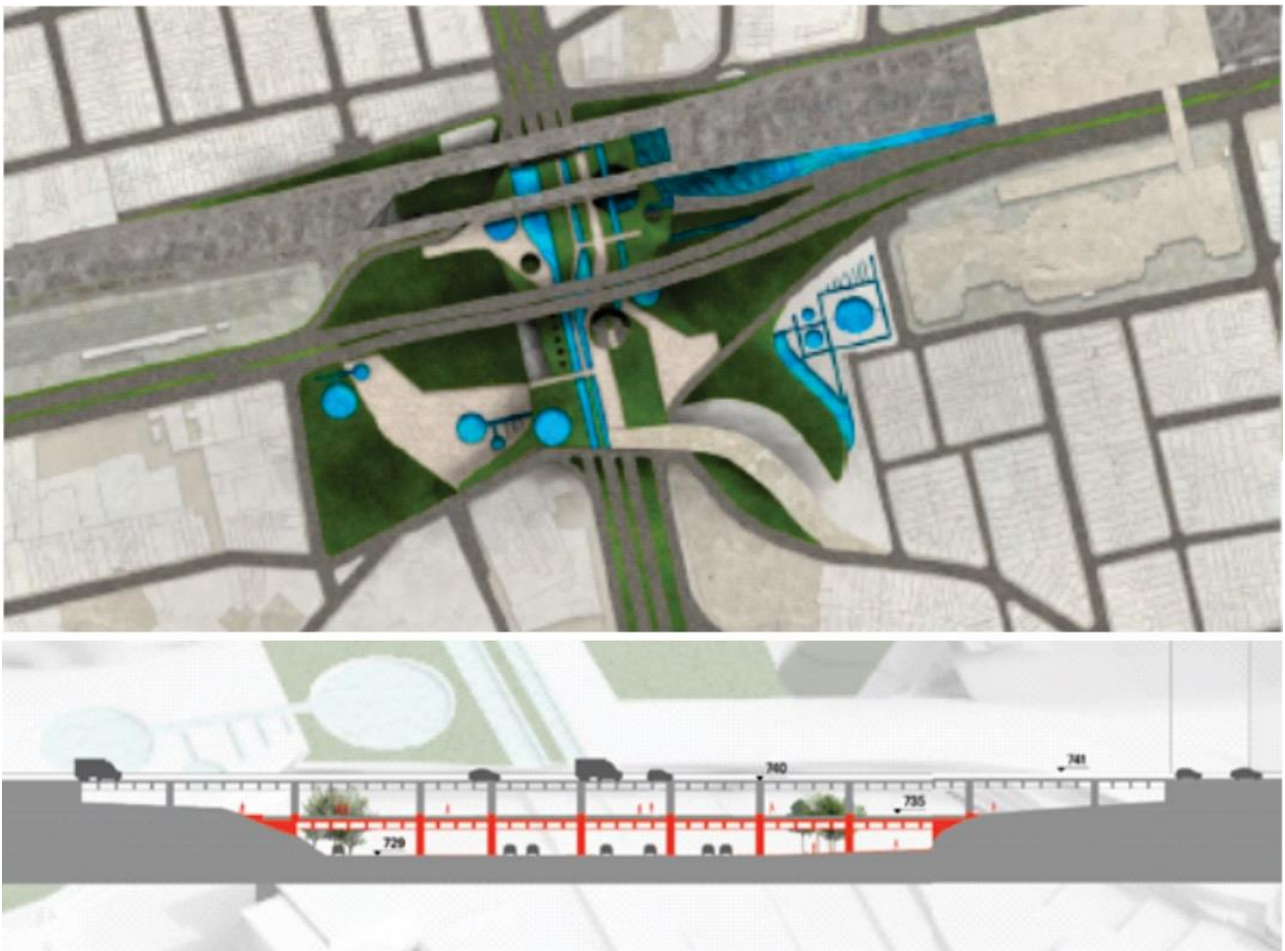


Revendo o parque criado junto às áreas residuais do metrô.

fonte: Gabriela Avolio, Isabela Ribeiro, Luiza Parrera, Maria Fernanda Fonseca, Nicole Reginato, Stephany Altruda.

A experiência em Tatuapé | alunas: Isadora Machado, Kelly Yokoyama, Luiza Kataoka, Maria Fernanda Garcia e Maria Luiza Sartorio | professor orientador: Igor Guatelli.

A predominância da mobilidade pelo transporte individual, o cercamento de grandes áreas do bairro (condomínios residenciais) e os entroncamentos viários, que priorizam o automóvel em detrimento do pedestre, foi o tema central desta equipe, que criou uma nova cota urbana para enfrentar essa condição desfavorável aos percursos à pé e à articulação entre trechos do bairro ou entre bairros.

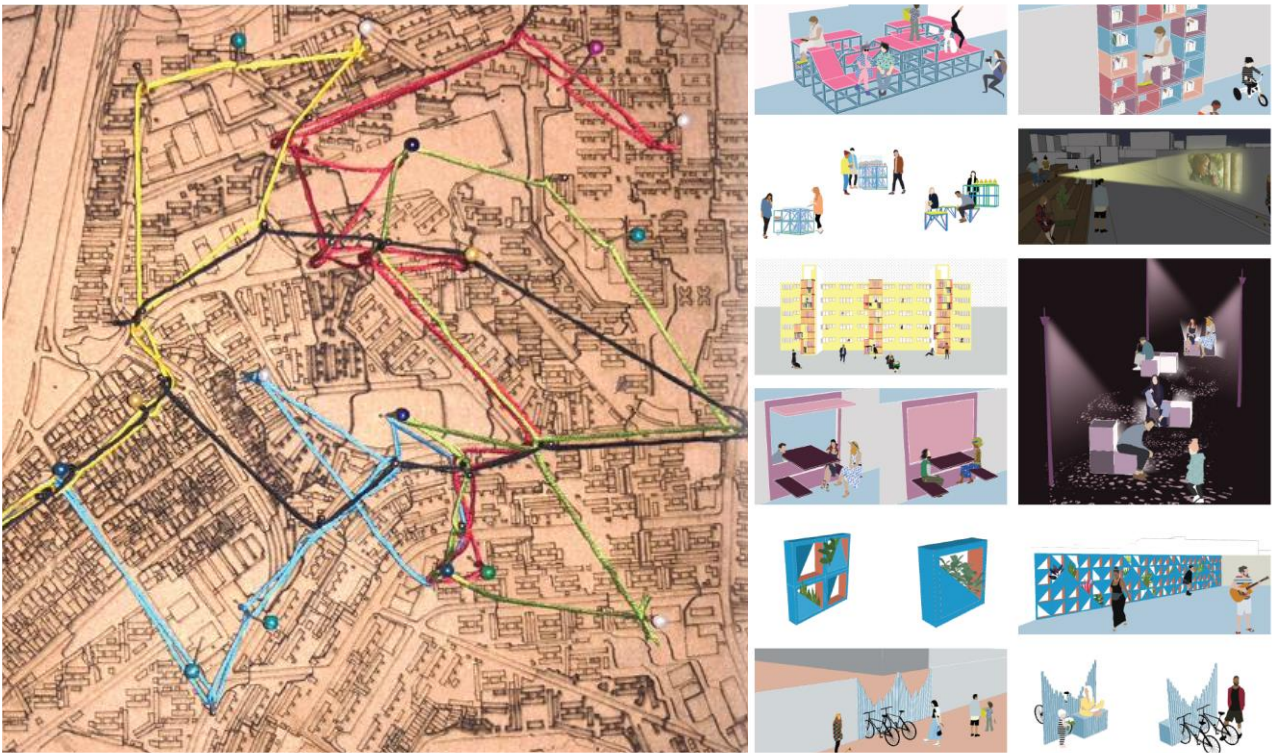


Entroncamento entre Radial Leste e Av. Salim Farah Maluf.

Abaixo, Cotas criadas como estruturas complementares às existentes. Destaque aos tempos do caminhar.
fonte: Isadora Machado, Kelly Yokoyama, Luiza Kataoka, Maria Fernanda Garcia e Maria Luiza Sartorio.

A experiência em Artur Alvim | alunas: Beatriz Ueda, Charlotte Carles, Giovanna Bianchini, Inês Laborinho, Larissa Reis, Rebeca Rabia | professora orientadora: Lizete Maria Rubano.

“Conceição, uma moradora dos conjuntos há 50 anos quando indagada sobre Artur Alvim afirma que gostaria de se mudar, porque ‘nada acontece’(...). A partir de pequenas mudanças no espaço urbano, conseguimos promover acontecimentos que qualificam os espaços vazios de Artur Alvim(...). Desenvolvemos um catálogo de intervenções pontuais no bairro, que poderiam ser usadas nos pontos específicos para promover mais movimento e vida pública. O catálogo se apresenta como alternativa, pensando no muro como um elemento articulador, que pode estabelecer uma ligação entre privado (espaço do condomínio) e público (ruas, praças e equipamentos), em vez de separá-los de maneira irreconciliável” (texto das alunas).



No conjunto habitacional de Itaquera I, os percursos a partir das principais áreas públicas podem ser qualitativamente percebidos.

Ao lado, possibilidades aos muros (interface entre espaço público e privado).

fonte: Beatriz Ueda, Charlotte Carles, Giovanna Bianchini, Inês Laborinho, Larissa Reis, Rebeca Rabia.

Nossa procura, nessa experiência de ensino e aprendizagem entre outras importantes demandas, é a de buscar, criticamente, possibilidades ao projeto frente às novas tarefas de forma outra, utilizando a condição urbana e social encontrada como matrizes de pensamento e proposição.

referências bibliográficas

ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia e VAINER, André. A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUATELLI, Igor. Arquitetura dos entre-lugares. Sobre a importância do trabalho conceitual. São Paulo: SENAC, 2012.

LEFÈVRE, Rodrigo. Notas de um Estudo sobre Objetivos do Ensino da Arquitetura e Meios para Atingi-los em Trabalhos de Projeto. [in] Koury, Ana Paula (org). Arquitetura Moderna Brasileira. Uma crise em Desenvolvimento. Textos de Rodrigo Lefèvre (1963-1981). São Paulo: Edusp/Fapes, 2019, p.87-140.

- LOOTSMA, Bart. What is (really) to be done? in MAAS, Winy (ed.). Reading MVRDV. Rotterdam: Nai Publishers, 2003.
- MARICATO, Ermínia. O impasse da política urbana no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MEYER, Regina; GROSTEIN, Marta Dora; BIDERMAN, Ciro. São Paulo Metrópole. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2004.
- MUJICA, Pepe. Discurso na Assembleia Geral da ONU *in* <https://brasiledesenvolvimento.wordpress.com/2013/09/26/o-historico-discurso-de-pepe-mujica-na-assembleia-geral-da-onu/> acesso 29 de julho de 2019.
- ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: Edusp, 2012 (1ª. edição:1996).
- SANTOS, Milton. O retorno do território *in* SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia e SILVEIRA, Maria Laura. Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. O tempo nas cidades *in* Ciência e Cultura, ISSN 0009-6725, Cienc. Cult. vol.54 no.2 São Paulo Oct./Dec., 2002.
- SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. Cadernos IPPUR. Rio de Janeiro, Ano XIII, nº2, 1999, p.15 - 26.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. Territórios. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- TAFURI, Manfredo. Projecto e utopia. Lisboa: Presença, 1985.